

INSTAURARE OMNIA IN

NOSSOS



SANTOS

A CAMINHO DO ALTAR

NOSSOS



SANTOS

A CAMINHO DO ALTAR

PEQUENA OBRA DA DIVINA PROVIDÊNCIA
PROVÍNCIA NOSSA SENHORA APARECIDA – Brasil Irmãs
PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DE FÁTIMA – Brasil Norte
PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DA ANUNCIAÇÃO – Brasil Sul

Esta é uma obra biográfica, que apresenta uma breve história de alguns seguidores de São Luís Orione, cujas vidas virtuosas foram escolhidas para trilhar o caminho do altar. São modelos de vida e merecem leitura amorosa e piedosa, para incitar em todos nós, da família orionita, que o caminho do altar celestial é um dom para todos os consagrados e leigos de coração aberto à santidade.

Um trabalho em mutirão, do GEO-BRASIL:
PE. ANTÔNIO SAGRADO BOGAZ
coordenador

IRMÃ MARIA PRISCILA OLIVEIRA
PE. JOSUMAR DOS SANTOS
PE. RODINEI CARLOS THOMAZELLA
direção provincial

CHRISTINE RESPLANDE, JOÃO HENRIQUE HANSEN,
MARCIO DE OLIVEIRA RAMOS
revisão literária

PE. FRANCISCO ALFENAS, PE. APARECIDO DA SILVA, PE. ADEMAR JOSÉ DOS SANTOS, PE. PAULO REIS, NEUSA FLORENTINO, IRMÃ MARIA ROSA MOREIRA DE SOUZA, IRMÃ RUFINA DA LUZ PINHEIRO, APARECIDA AQUINO TORRES, Nanci Bissoli Oliveira

LUIZ HENRIQUE MACIEL, EVA YU BERTANI
diagramação

Gráfica Infante – Curitiba /PR
Tiragem: 1000 exemplares

Festa de todos os Santos de 2018

A CAMINHO DO ALTAR

***Quero filhos santos,
não importa quantos,
basta que sejam santos.***

Este é o apelo de nosso Pai fundador, São Luís Orione, que clamava pela santidade de seus filhos. Clamava com brados indignados toda vez que se perdiam pelas estradas da mundanidade, clamava pelos estribilhos de suas preces, quando ele os sentia resfriados na espiritualidade, clamava pela força do próprio testemunho, cada vez que notava que estavam se distanciando do horizonte da santidade. Mais que palavras e pregações, seu clamor foi sua busca pessoal, constante e incessante, pelas virtudes divinas que caracterizam os santos.

Tão forte e tão convincente que seu exemplo se sente nas suas virtudes refletidas em seus seguidores. Caminhos do sacrifício para praticar a caridade, caminhos da oração para alcançar a espiritualidade, caminhos da devoção para enobrecer o espírito e caminho da missão para engrandecer a Igreja de Jesus Cristo.

Apresentamos estes nossos santos, alguns, pouquíssimos, escolhidos dentre os incontáveis padres, freiras, irmãos e leigos das fileiras orionitas. Estes nossos santos, que estão vivos no processo de canonização estimulam a família orionita, pois dizia o Fundador: “ou santos ou partam”. Com Dom Orione, ornando a coroa da Mãe da Divina Providência, encontramos o Beato Francesco Drzewiecki, Beato Ricardo Gil Barcelón, Beato Antonio Arrué Peiró, Venerável Frei Ave Maria, Venerável Don Carlos Sterpi, Venerável Ir. Maria Plautilla, Servo de Deus Don Gaspar Goggi, Servo de Deus Pe. Giovanni Messina.

Estes nossos antepassados, como tantos – como as miríades do firmamento, abriram o caminho. Que suas vidas e suas obras nos convoquem para o caminho da santidade

Festa de todos os Santos de 2018

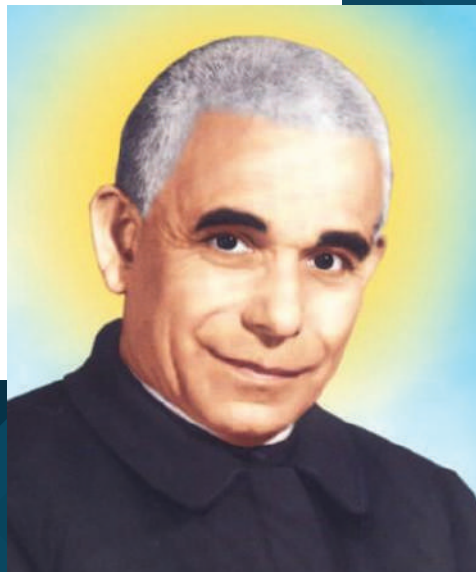
GEO - GRUPO DE ESTUDOS ORIONITA - BRASIL

CAMINHOS DA SANTIDADE

Deixe que façam bombas, nós faremos a caridade
Fazem mais barulho as bombas, mas é bem mais rápido
A caridade é mais suave, sobrevive no tempo
Bombas fazem dor, caridade faz versos para a dor.
Nos versos amaldiçoamos os bombardeios
Nas rimas exaltaremos os pacifistas.
Deixem que manipulem multidões de algozes
Nós alegraremos os corações da humanidade
Bombas se fazem com ressentimentos e mágoas
Nós faremos caridade com fráguas de sentimentos
Pela caridade, musicaremos mesmo os tiroteios dos canhões
Faturem milhões, conquistem territórios, fabriquem velórios
Na caridade, ganharemos paz e conquistaremos corações

Antônio S. Bogaz - João H.Hansen

“Pai Fundador, apóstolo da caridade”



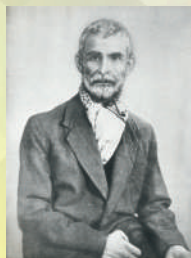
SÃO LUÍS ORIONE

1872 - 1940

SUA VIDA, SUA HISTÓRIA

A Itália vivia grandes crises sociais e políticas, quando, na região do Piemonte, ao norte, nasceu João Luís Orione, no dia 23 de junho de 1872, na pequena cidade de Pontecurone.

Seus pais *Carolina Feltri e Vitório Orione* viviam modestamente, na luta cotidiana para sustentar e formar uma família cristã. Carolina cuidava das fainas diárias e buscava ajudar no sustento da família trabalhando nas colheitas dos campos e o pai, no árduo trabalho de calçador de ruas.



Desde menino sonhou em ser padre, e o seu ideal era servir aos mais pobres, cujo sofrimento ele conhecia de perto. Entrou para o seminário de Voghera, dos franciscanos, com quem aprendeu o amor pelos pobres, e de onde saiu por motivo de saúde. Na juventude, foi seminarista salesiano por três anos. Nesta experiência conheceu o grande São João Bosco, que marcou sua personalidade e sua espiritualidade, despertando grande amor pela Igreja e pelos jovens. Dom Bosco, numa conversa filial, lhe anunciou que “não seria um padre salesiano, pois Deus lhe tinha outra missão, mas que seriam sempre amigos”.

Acolhido no Seminário Diocesano de Tortona, seguiu seus estudos preparatórios para o sacerdócio. Neste período, serviu como zelador da Catedral, e assim poderia pagar seus estudos e ajudar outros seminaristas pobres. Acolher as vocações de jovens de famílias que não poderiam pagar seus estudos tornar-se-ia uma práxis na Congregação. Conheceu, então, Dom Bandi, bispo diocesano, que o inspirou para a missão carismática, para socorrer os mais pobres e abandonados e resgatar para a Igreja as multidões influenciadas pelos movimentos anticlericais daquele período de grandes conflitos internos.

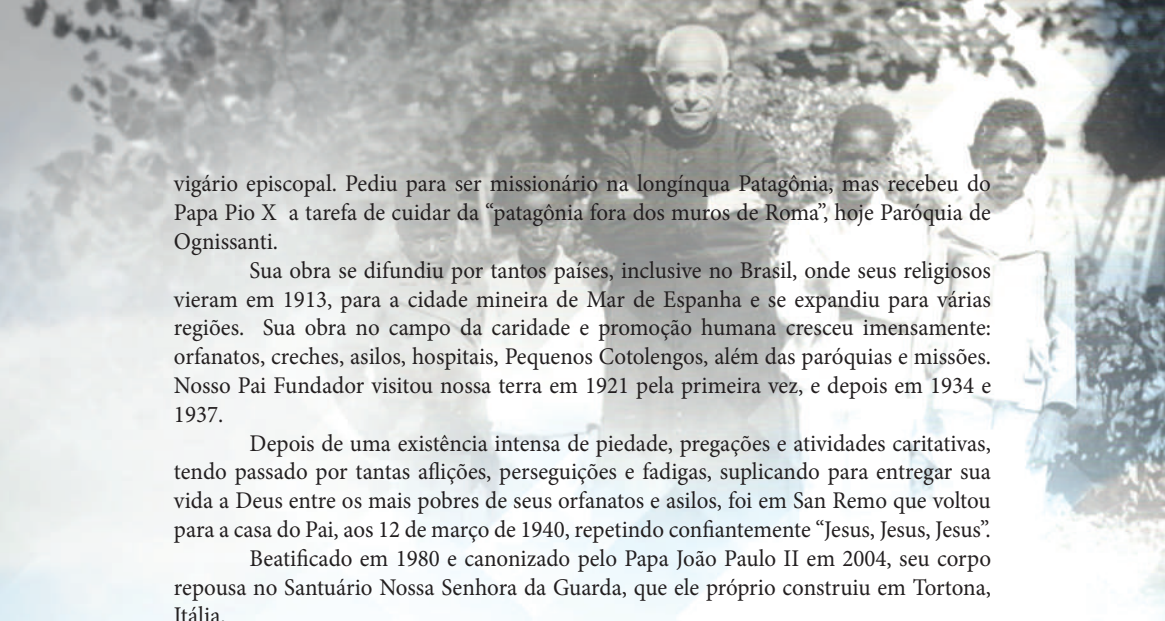
Era ainda seminarista quando começou a agir, pois o anseio de fazer o bem não o deixava esperar. A partir da acolhida de um menino, expulso da catequese, iniciou uma missão com as crianças mais pobres, promovendo atividades formativas, recreativas e escolares. Seguiu os passos de seu grande inspirador, São João Bosco, inaugurando o Oratório Festivo em 1892, aos 20 anos de idade, para formar o coração e a consciência dos meninos e jovens mais carentes.

Foi ordenado sacerdote no ano de 1895, prometendo a si mesmo que viveria para difundir o amor a Jesus Cristo e a Nossa Senhora da Divina Providência, em todos os cantos do mundo e que seria o padre dos que não vão à Igreja.

Impulsionado pela caridade, fundou os Filhos da Divina Providência, as Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade, as Irmãs Sacramentinas Cegas e os Eremitas da Divina Providência.

Seguiu fervorosamente sua missão, servindo em vários lugares, inclusive na Diocese de Messina, como





vigário episcopal. Pediu para ser missionário na longínqua Patagônia, mas recebeu do Papa Pio X a tarefa de cuidar da “patagônia fora dos muros de Roma”, hoje Paróquia de Ognissanti.

Sua obra se difundiu por tantos países, inclusive no Brasil, onde seus religiosos vieram em 1913, para a cidade mineira de Mar de Espanha e se expandiu para várias regiões. Sua obra no campo da caridade e promoção humana cresceu imensamente: orfanatos, creches, asilos, hospitais, Pequenos Cotelengos, além das paróquias e missões. Nosso Pai Fundador visitou nossa terra em 1921 pela primeira vez, e depois em 1934 e 1937.

Depois de uma existência intensa de piedade, pregações e atividades caritativas, tendo passado por tantas aflições, perseguições e fadigas, suplicando para entregar sua vida a Deus entre os mais pobres de seus orfanatos e asilos, foi em San Remo que voltou para a casa do Pai, aos 12 de março de 1940, repetindo confiantemente “Jesus, Jesus, Jesus”.

Beatificado em 1980 e canonizado pelo Papa João Paulo II em 2004, seu corpo repousa no Santuário Nossa Senhora da Guarda, que ele próprio construiu em Tortona, Itália.

RETRATO DA ALMA

A mensagem de nosso Pai Fundador é sua própria existência. Viveu pobre entre os pobres e se fez um militante da Igreja de Jesus Cristo em tempos difíceis, onde a Igreja era marcada pela propaganda contrária a ela e apedrejada por forças radicais da sociedade.

Tendo vivido com sua família numa pobreza digna e honesta, debruçou seus projetos e dedicou toda sua vida para socorrer os mais abandonados. Seu único intento era amar Jesus Cristo e transmitir esse amor ao povo por meio de obras de bem em amparo a todos os necessitados, fazendo com que experimentassem o amor de Deus em ações concretas.

Dom Orione era, antes de tudo, ele próprio um Filho da Divina Providência. Descobriu o amor paterno de Deus e a Ele se confiou filialmente. Falava a todos dessa confiança infinita e entusiasmava até os mais cétricos.

Seu desejo era a difusão do Evangelho, para atrair todos à Igreja, edificar e unificar os povos em Cristo, tanto que adotou como lema *Instaurare omnia in Christo*.

Tinha uma profunda devoção eucarística, que se revelava por seus momentos longos diante do Santíssimo, sobretudo nas grandes decisões e aflições. Emanava do Corpo e Sangue de Cristo a força para seguir suas lutas e manter-se fiel aos seus propósitos.

O amor filial a Nossa Senhora, mãe da Igreja, que considerava co-fundadora da sua família religiosa. Suas palavras demonstram confiança absoluta e grande devoção: “recorda-te, oh Mãe, desta Congregação que é tua desde o início”. Em todos os países e missões agarrava-se à devoção local para que sob seu manto servissem os “filhos da Igreja”.

Nutria um amor incondicional à Igreja e ao Papa. Ele foi um maravilhoso exemplo de vida em unidade, procurando viver e unir todos em torno do Papa, de quem foi filho fidelíssimo.

Servir nos pobres o Filho de Deus é a razão de ser concreta de sua família religiosa, fazendo dos pobres os nossos “senhores” aos quais servimos com alegria, cientes que “nos mais miseráveis dos seres humanos, brilha mais forte a imagem divina”.

NOSSA PRECE

Oração a
São Luís Orione
16 de maio

Ó Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, nós vos adoramos e vos damos graças pela imensa caridade que infundistes no coração de São Luís Orione e, por ter-nos dado nele o apóstolo da caridade, o pai dos pobres, o benfeitor da humanidade sofredora e abandonada. Concedei-nos imitar o amor ardente e generoso que São Luís Orione tinha para convosco, à Santíssima Virgem, à Igreja, ao Papa e a todos os aflitos. Pelos seus méritos e sua intercessão, concedei-nos a graça que vos pedimos para experimentar a vossa Divina Providência. Amém.

São Luís Orione, rogai por nós!

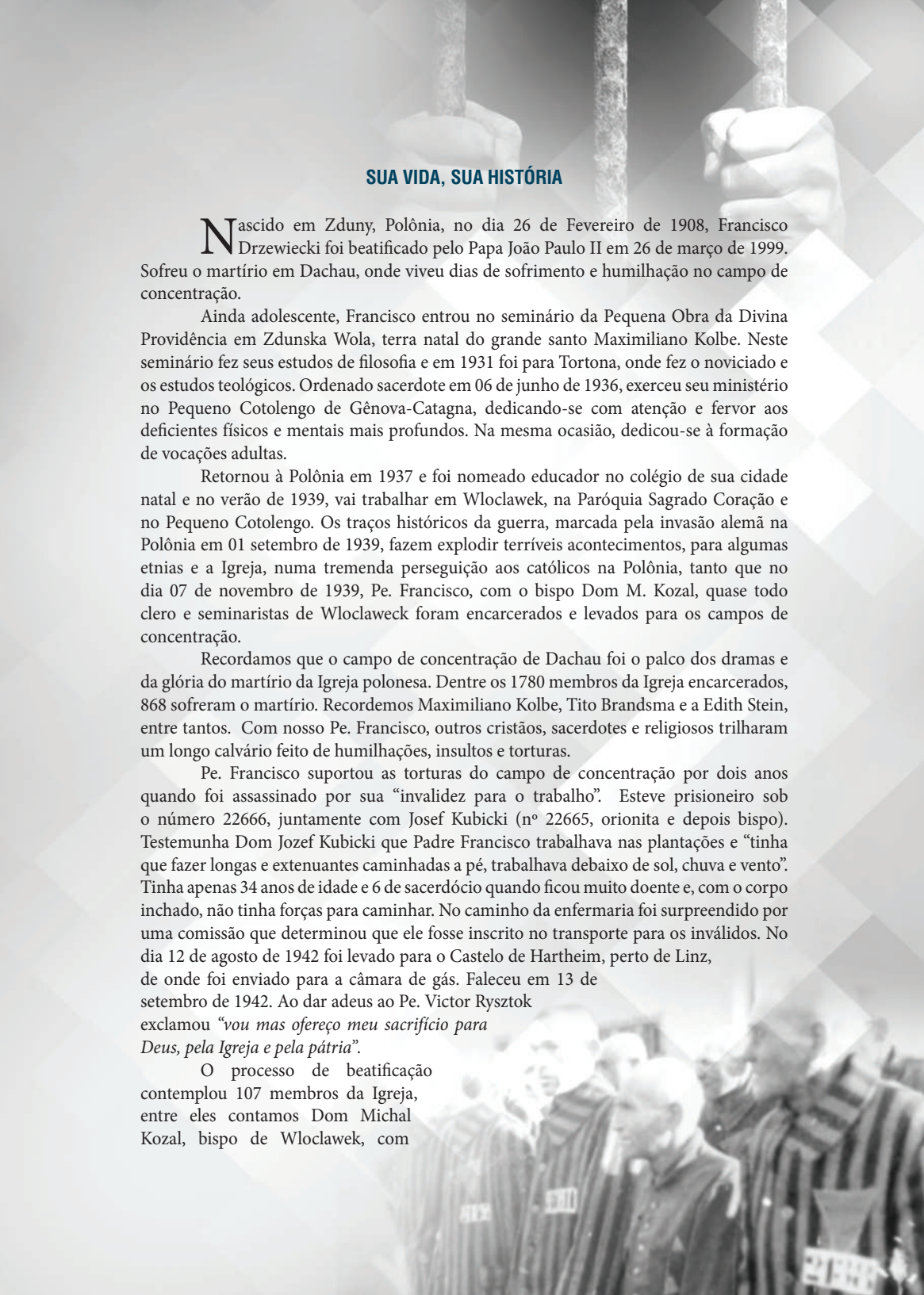


“Um Santo no Campo de Concentração”



BEATO
**FRANCISCO
DRZEWIECKI**

1908 - 1942



SUA VIDA, SUA HISTÓRIA

Nascido em Zduny, Polônia, no dia 26 de Fevereiro de 1908, Francisco Drzewiecki foi beatificado pelo Papa João Paulo II em 26 de março de 1999. Sofreu o martírio em Dachau, onde viveu dias de sofrimento e humilhação no campo de concentração.

Ainda adolescente, Francisco entrou no seminário da Pequena Obra da Divina Providência em Zdunska Wola, terra natal do grande santo Maximiliano Kolbe. Neste seminário fez seus estudos de filosofia e em 1931 foi para Tortona, onde fez o noviciado e os estudos teológicos. Ordenado sacerdote em 06 de junho de 1936, exerceu seu ministério no Pequeno Cotelengo de Gênova-Catagna, dedicando-se com atenção e fervor aos deficientes físicos e mentais mais profundos. Na mesma ocasião, dedicou-se à formação de vocações adultas.

Retornou à Polônia em 1937 e foi nomeado educador no colégio de sua cidade natal e no verão de 1939, vai trabalhar em Wloclawek, na Paróquia Sagrado Coração e no Pequeno Cotelengo. Os traços históricos da guerra, marcada pela invasão alemã na Polônia em 01 setembro de 1939, fazem explodir terríveis acontecimentos, para algumas etnias e a Igreja, numa tremenda perseguição aos católicos na Polônia, tanto que no dia 07 de novembro de 1939, Pe. Francisco, com o bispo Dom M. Kozal, quase todo clero e seminaristas de Wloclawek foram encarcerados e levados para os campos de concentração.

Recordamos que o campo de concentração de Dachau foi o palco dos dramas e da glória do martírio da Igreja polonesa. Dentre os 1780 membros da Igreja encarcerados, 868 sofreram o martírio. Recordemos Maximiliano Kolbe, Tito Brandsma e a Edith Stein, entre tantos. Com nosso Pe. Francisco, outros cristãos, sacerdotes e religiosos trilham um longo calvário feito de humilhações, insultos e torturas.

Pe. Francisco suportou as torturas do campo de concentração por dois anos quando foi assassinado por sua “invalidez para o trabalho”. Esteve prisioneiro sob o número 22666, juntamente com Josef Kubicki (nº 22665, orionita e depois bispo). Testemunha Dom Jozef Kubicki que Padre Francisco trabalhava nas plantações e “tinha que fazer longas e extenuantes caminhadas a pé, trabalhava debaixo de sol, chuva e vento”. Tinha apenas 34 anos de idade e 6 de sacerdócio quando ficou muito doente e, com o corpo inchado, não tinha forças para caminhar. No caminho da enfermaria foi surpreendido por uma comissão que determinou que ele fosse inscrito no transporte para os inválidos. No dia 12 de agosto de 1942 foi levado para o Castelo de Hartheim, perto de Linz, de onde foi enviado para a câmara de gás. Faleceu em 13 de setembro de 1942. Ao dar adeus ao Pe. Victor Rysztok exclamou *“vou mas ofereço meu sacrifício para Deus, pela Igreja e pela pátria”*.

O processo de beatificação contemplou 107 membros da Igreja, entre eles contamos Dom Michal Kozal, bispo de Wloclawek, com



mais 2 bispos, 52 sacerdotes diocesanos, 26 sacerdotes religiosos, 8 irmãos, 2 clérigos, 8 religiosas e 9 leigos. Todos estes mártires vieram de 17 diferentes dioceses. Receberam a coroa dos “sócio-mártires”.

RETRATO DA ALMA

A espiritualidade do Beato Francisco pode ser simplesmente seu testemunho martirial; a maneira suave que acolheu o martírio, em vista de sua fé cristã e seu apostolado. Poderia ter renegado sua condição de sacerdote e não o fez, antes confirmou sua opção cristã, como demonstram os testemunhos daqueles que sobreviveram ao terror dos campos de concentração.

Dom Jozef Kubicki, clérigo ao seu tempo, diz que eram cercados por uma multidão de prisioneiros e Padre Francisco lhes falava dos seus anos na Itália, seus tempos de estudo e sua devoção mariana. Revelava sua fidelidade à vocação, sua resistência diante das abordagens da polícia nazista e seus projetos de futuro. São grandes os testemunhos de nobreza e santidade de seu espírito. Outro importante testemunho é de Pe. Wladislaw Sarnik, com o qual trabalhou nas plantações. Sempre em atitude de oração, muito discretamente, pois estes gestos estavam proibidíssimos no “lager”. No entanto, tinham sempre diante de si, um recipiente, pequena caixa, com a Eucaristia. Assim, silenciosamente, viviam em adoração. Seu testemunho ressalta que era um *“homem entusiasta, sacerdote bom, homem de muita piedade, amigo cortês, sereno, humilde mas na humildade escondia a sua grandeza, homem que não se lamentava nunca, que na humilhação se comportava como herói e que nunca se expressou negativamente a respeito dos perseguidores”*.

O beato Francisco, que edificava com sua cortesia e sua virtude, não pestanejou em aceitar o martírio, como pastor verdadeiro num supremo e dramático gesto de entregar sua vida por seu povo e com seu povo. Ofertou-se consciente e livremente sua vida, como pão que se deixa triturar para ser pão para os irmãos.



NOSSA PRECE

Oração ao Beato
Francisco Drzewiecki
13 de setembro

Deus de amor e de bondade, vós que estais sempre presente na vida de todos os que o procuram de coração sincero. Pela intercessão de Francisco Drzewiecki, que foi fiel aos seus mandamentos mesmo nos momentos mais difíceis da vida, derramai sobre nós a força do vosso Espírito Santo de amor para que, perseverantes na arte de fazer o bem, sejamos testemunhas de seu evangelho atuando na construção do seu Reino de justiça e paz. Por Cristo Nosso Senhor. Amém.

Oração pela Canonização do Beato Francisco Drzewiecki

Ó Deus, Pai bom e providente, nós te agradecemos por nos teres dado no Beato Francisco Drzewiecki um exemplo luminoso de sacerdote totalmente dedicado a causa de Cristo e da Igreja, através da educação dos jovens e da caridade para com os pequenos, os pobres e o povo. Infunde em nós a fortaleza do teu Espírito, a fim de que como o Beato Francisco, vítima inocente, possamos testemunhar, no meio das trevas do egoísmo e do mal, que somente a caridade salvará o mundo e que o último a vencer serás Tu, numa grande e infinita misericórdia. Para a glória do teu nome e para que venha o teu Reino de paz e justiça, pela intercessão do Beato Francisco, concede-nos a graça que te pedimos (diz a graça pedida...). Glória ao Pai...



“A coragem e a luta pelos perseguidos”



BEATO
**PADRE RICARDO
GIL BARCELÓN**
1873-1936

SUA VIDA, SUA HISTÓRIA

Pe. Ricardo Gil Barcelón nasceu na Espanha, em Manzanera de Teruel, uma pequena cidade na Província de Valência. Este grande missionário e mártir da família orionita nasceu numa família nobre e muito rica no dia 27 de outubro de 1873. Cinco anos mais tarde, sua família se transfere para Rorrijas, que era um município maior, perto de sua cidade natal. Era um menino estudioso e muito inteligente, tomado por um caráter forte e sensato; com um coração gentil e grande espírito de caridade.

O testemunho deste mártir revela que aprendeu a praticar a caridade com seus pais, Francisco e Francisca Barcelón, devendo sempre “ter um coração grande e enxergar mais longe”.

Foi, no seu primeiro seminário em Terruel, em 1885, um aluno diligente e muito capaz. Profundamente coerente com suas ideias e seus ideais, não concluiu a Escola Normal de Teruel, pois confrontava muitas vezes com os professores que eram maçônicos e anti-clericais. Sua grande personalidade reverenciava a fé e a defesa da verdade, o que lhe custou a expulsão da Escola, pouco antes dos últimos exames.

Tornou-se soldado em 1893, defendendo a coroa dos Bourbons, nas Filipinas. Num contra-ataque da guerra civil, em 1896, estando sozinho numa trincheira, suplicou o amparo de Nossa Senhora do Carmo: “Mãezinha do céu, guarda-me como fazias quando desde menino entrava na tua casa para rezar. Salva este teu filho”. Os inimigos, tão iminentes, sem explicação se retiraram.

Tocava vários instrumentos e com estas habilidades fez os estudos médios no Instituto São João do Latrão em Manila, com os dominicanos. Frequentou ainda a filosofia e a teologia, com o intuito de aprofundar sua fé e sua religião. Tornou-se Bacharel em Artes em 1890.

Foi ordenado sacerdote em 1904, depois de ter terminado seus estudos na Universidade Santo Tomás de Aquino, em Manila. Atuou no Palácio episcopal de Dom Jeremias Harty, voltou à Espanha em 1905 e em 1907 entrou no Convento dos Dominicanos.

Em Peregrinação a Roma, numa manhã de inverno, na Via del Corso, deu-se um encontro que transformou sua vida: conheceu o sacerdote Luís Orione. Tornou-se seu fiel seguidor e filho espiritual da Divina Providência.

Em tempos de grandes conflitos na vida civil e política da Espanha, num confronto que envolvia facções comunistas, monárquicas e anarquistas, defendeu a Igreja e foi martirizado de forma cruel. Quando uma senhora do povoado disse aos milicianos: “estes dois (Ricardo Gil e Antônio Arrué Peiró) são do povo como nós, só fazem o bem aos mais pobres”, o chefe dos milicianos entendeu que estes homens da Igreja serviam antes de tudo o povo, mais que a qualquer exército. E os levou. Tendo sido preso no dia 01 de agosto de 1936, foi martirizado dois dias depois, 03 agosto, bradando corajosamente: Viva Cristo Rei.



RETRATO DA ALMA

Este grande servo de Deus, Pe. Ricardo Gil, uniu seu encanto pelo carisma orionita à sua personalidade vivaz e destemida, característica dos mártires que assumem uma causa religiosa e dela não se desprendem nem mesmo diante do suplício das torturas.

Seu último grito de exaltação do nome de Jesus Cristo como rei, rejeita, como os primeiros cristãos e tantos mártires da nossa hagiografia, os deuses falsos deste mundo, encarnados em governos prepotentes e sistemas injustos.

Sua coragem diante das perseguições é seu maior testemunho. Não se trata de uma coragem pontual, revelada por teimosia diante dos algozes, mas na sua capacidade de confrontar os perigos e seguir sua missão ao longo dos anos. Desde menino, revelara sua forte adesão ao cristianismo e nunca se desviou desta estrada. Todos seus estudos, embates e atividades manifestavam sua adesão por Jesus Cristo e sua Igreja. A renúncia à riqueza, que não o fez egoísta, mas o ensinou a partilhar, nos mostra que todos os bens, materiais, espirituais e intelectuais devem servir à causa dos povos e dos pobres.

Nunca teve medo de ser missionário e, mais tarde em sua pátria, colocou-se ao lado dos perseguidos política e socialmente. Mesmo na evidência dos sofrimentos, diante de um quadro de terror na Espanha da década de 30, não titubeou e seguiu seu caminho, sempre generoso e valente, caridoso e disposto a sacrifícios e renúncias. Poderia ter salvado a vida gritando apenas uma vez “Viva a Federação Anárquica Ibérica”, mas preferiu gritar: “Viva Cristo Rei”. E entrou no paraíso.



NOSSA PRECE

Oração pela canonização dos Beatos
Pe. Ricardo Gil e Antonio Arrué
3 de agosto

Ó Deus que destes aos vossos filhos, Pe. Ricardo Gil e seu fiel discípulo Antonio Arrué, a alegria de seguir o carisma de São Luís Orione, servindo aos irmãos pobres e desamparados e os amparastes com a força do Espírito Santo para permanecerem fiéis à fé e à sua consagração na hora da perseguição, glorificai-os agora diante de nossos olhos para que possamos aprender com seus exemplos e imitar sua fortaleza. Por Cristo, nosso Senhor. Amém.



“A coragem e a pureza de um menino”



BEATO
**ANTONIO
ARRUÉ PEIRÓ**

1908 - 1936

SUA VIDA, SUA HISTÓRIA

Corria o ano de 1931. A Espanha vivia um período intenso de guerras civis, que dizimavam muitas vidas e deixavam órfãs muitas crianças.

Depois de uma celebração eucarística no Santuário da Virgem dos Desamparados, Pe. Ricardo Gil encontra um jovem, com a idade de 23 anos, porém carregado de dramas, desamparo, desconforto e fome. Nasceu em Calatayud, Província de Saragozza, na Espanha, aos 04 de abril de 1908. Era sem família, uma vez que sua mãe, Aqueda Peiró, morrera em 1923, sua única irmã em 1926 e seu pai, Antônio Arrué, em 1928. Mesmo tendo vivido pouco tempo com seus pais, herdou uma boa educação cristã e apesar das condições de pobreza, viveu com dignidade e honradez. Numa Espanha cravada pela violência das guerras civis e assolada pela fome, este jovem se viu sozinho, abandonado por seus parentes e lançado à própria sorte. Foi assim que encontrou em 1931, o seu grande benfeitor e guia espiritual, Pe. Ricardo Gil, na cidade de Valência. Foi amparado pelo sacerdote, generoso e valente e seguiu seus passos por toda sua breve vida.

Na infância, frequentou a escola da sua cidade natal e aprendeu a talhar madeiras com seu pai. Sua maior ferida, que deixou cicatrizes, foi seu período de internação num manicômio, de onde fugiu duas vezes. Dizia ele: “não sou louco, não quero estar num manicômio. Fugirei novamente, irei para muito longe e me tornarei missionário”.

Sempre um jovem sério e devoto, disposto a fazer sacrifícios e renúncias para servir os mais pobres, com seu grande mestre. Não era muito de tantas palavras, mas piedoso e de grandes momentos de oração. Sua alma bondosa se revelava nas celebrações no Santuário de Nossa Senhora dos Desamparados e nas visitas aos doentes, sobretudo aos tuberculosos.

O testemunho do Pe. Ricardo Gil permite que seja acolhido nas fileiras orionitas, pois acreditou muito em sua vocação: “Estou convencido que tem verdadeira vocação”. Por questões políticas na Espanha, nunca chegou a realizar este ideal, mas viveu um “noviciado doméstico” por 5 anos, numa vida de oração, lidas cotidianas e ações de caridade junto aos pobres e doentes.

A posição das milícias espanholas ficava cada vez mais contrária à Igreja e seu clero. Foram fortemente ameaçados no início da guerra civil espanhola. Quando a milícia assaltou a catedral e incendiou a sacristia, o povo pedia que abandonassem o local, mas o padre e o jovem recusaram, pois “o verdadeiro apóstolo se une ao povo e seu lugar e não foge quando vêm os lobos”.

No dia 03 de agosto de 1936, os militares comunistas levaram o Pe. Ricardo Gil. Tendo descoberto a carroça que sequestrava o seu grande mestre espiritual, correu atrás e juntou-se a ele. Assim que o padre foi fuzilado, o jovem Antônio foi ao seu encontro. Violentemente, um militar lhe espatifou a cabeça com um fuzil, e também ele foi morto pelos revolucionários, testemunhando sua profunda ligação e fidelidade ao Pe. Gil, sua fé e seu amor à Igreja, em Valência, Espanha, em 1936. Tinha apenas 28 anos de idade.

Antonio Arrué foi reconhecido mártir por Bento XVI em 2012 e beatificado pelo Papa Francisco em 13 de outubro de 2013.





RETRATO DA ALMA

Diz o provérbio que a flor de lotus floresce mais bonita quando nascida no pântano. Assim a vida de Antônio Arrué foi uma graça divina que despontou no meio de tantas misérias humanas, perseguições e desamparo.

A delicadeza de sua alma, manifestada em ações caritativas e grande fidelidade à Igreja é o traço mais evidente de sua espiritualidade. Fica muito claro que a força da família na primeira infância, deixa rastros para sempre em nossa personalidade e luzes em nosso espírito, pois a primeira educação humana e formação cristã foi lhe dada por sua família, que vivendo na pobreza e na virtude, transmitiu-lhe valores que não se apagam.

A obediência e fidelidade cotidianas ao seu mestre, Pe. Ricardo Gil, que era homem de grandes virtudes, foi importante para sustentar suas atitudes no bom caminho. Durante os anos de orfandade e abandono pelas ruas das cidades espanholas, nem a pobreza, a autonomia e o anonimato o levaram para longe dos caminhos de Deus, inculcados em sua mente desde seu nascimento.

Como os grandes mártires, o jovem Arrué não fugiu de sua causa que eram os pobres, o amor a Cristo e a fidelidade à Igreja. Sua afeição pelo Padre que lhe deu novo sentido à vida fez com que não fugisse de seus algozes.

A Igreja tem muitos jovens que viveram seus ideais e seu vigor no caminho da perseverança e da certeza que “só Deus basta”. Seus testemunhos permaneceram na memória de tantos que viveram aqueles dias dramáticos e estimulam novos cristãos a viverem a fé com fidelidade e o martírio até as últimas consequências.



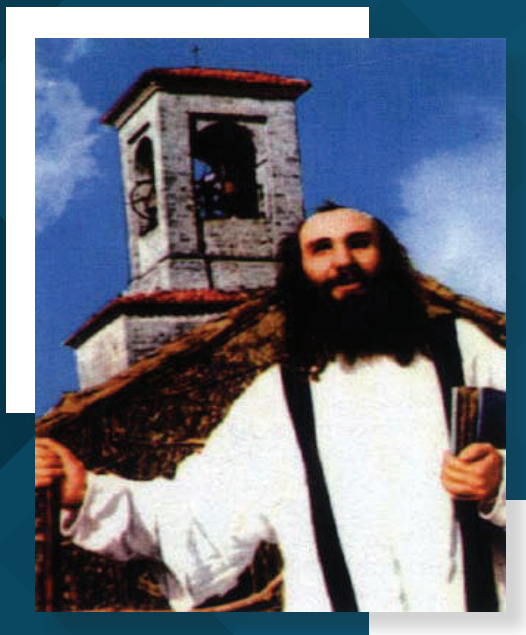
NOSSA PRECE

Oração pela canonização dos Beatos
Pe. Ricardo Gil e Antonio Arrué
03 de agosto

Ó Deus que destes aos vossos filhos, Pe. Ricardo Gil e seu fiel discípulo Antonio Arrué, a alegria de seguir o carisma de São Luís Orione, servindo aos irmãos pobres e desamparados e os amparastes com a força do Espírito Santo para permanecerem fiéis à fé e à sua consagração na hora da perseguição, glorificai-os agora diante de nossos olhos para que possamos aprender com seus exemplos e imitar sua fortaleza. Por Cristo, nosso Senhor. Amém.



“Eremita da Divina Providência”



VENERÁVEL
FREI AVE MARIA

1900 - 1964

A group of monks in white robes walking through a forest. The monks are walking in a line, with some carrying staffs. The forest is lush with green trees and foliage. The lighting is soft, suggesting a misty or early morning atmosphere.

SUA VIDA, SUA HISTÓRIA

César Pisano nasceu em Pogli d'Ortovero aos 24 de fevereiro de 1900. Aos doze anos de idade ficou cego acidentalmente, brincando com seu amigo Bartolomeu. Os dois inocentes garotos encontraram uma espingarda velha, e pensando que estivesse descarregada, e em meio a uma brincadeira de garotos, a arma é disparada em direção a César Pisano, que futuramente iria ser conhecido como Frei Ave Maria.

O jovem Cesar, desiludido e completamente desesperado, cai num vazio total e acaba perdendo também a fé em Deus. Surge uma esperança, ou como costuma-se dizer, aparece um anjo, que é a Irmã Teresa, da Congregação das Filhas da Caridade fundada por São Vicente de Paulo, e o conforta, conseguindo até fazê-lo sorrir. Mais tarde lhe falará de Dom Orione, fato este que mudará toda sua vida.

O encontro com Dom Orione foi decisivo em sua vocação. Aos 20 anos de idade entrou para a Congregação e no ano de 1923 recebia das mãos de Dom Orione o hábito religioso. Recebeu também uma missão muito especial de nosso pai fundador, que assim disse: *“Vai, e imerge-te na solidão e te sentirás muito mais em contato com Deus e cumprirás melhor a missão que eu te confio, isto é meditar e rezar”*.

Frei Ave Maria é um personagem místico e muito amado por nós, orionitas. Com a total entrega e dedicação de sua vida, foi perfeito instrumento nas mãos de Cristo para o conforto de tantas pessoas sedentas de Deus, de uma palavra amiga, de um conforto espiritual.

Estava sempre disposto a receber todas as pessoas que acorriam até ele, intelectuais, religiosos e pessoas simples, todos ficavam admirados pela santidade daquele bondoso eremita e partiam com o coração sempre confortado pelas suas palavras e pelo seu exemplo de vida. Dizia Frei Ave Maria: *“A minha ocupação é rezar, eu não sei fazer outra coisa a não ser estar ajoelhado diante de Jesus e de Maria. Falo com Deus sobre os homens e falo aos homens do amor de Deus”*.

Frei Ave Maria é exemplo de quem procurou no dia-a-dia, viver na santa e perfeita observância do Evangelho e das regras deixadas por nosso pai fundador. Dom Orione escreveu no Boletim A Pequena Obra da Divina Providência de 1898: *“Os eremitas devem viver quase como um constante sacrifício, voz constante do amor de Jesus pela salvação dos irmãos... E até quando houver um pedacinho de chão onde Jesus possa estabelecer-se, até quando houver uma rocha e sobre ela uma cruz, os eremitas existirão!”* A vida de oração, penitência e trabalho, fazem chover sobre nós as bênçãos do céu, para que assim possamos procurar com mais afinho as coisas do alto, onde se encontra Cristo.

Faleceu em 21 de janeiro de 1964, aos 63 anos, dizendo que *“só lhe restava agora o Senhor”*, apertando carinhosamente em suas mãos uma pequena imagem do Menino Jesus.

RETRATO DA ALMA

A espiritualidade de Frei Ave Maria é sua humildade, seu recolhimento e sua vida de oração. Homem de poucas palavras e muito silêncio, deixava seus gestos e suas atitudes evangelizarem. Sua grande resignação diante da fatalidade da cegueira, foi o eixo de sua conversão. Superou o trauma através da acolhida da vontade de Deus em sua vida. Não se servia da cegueira acidental para maldizer a vida, mas antes para buscar a luz espiritual. Entendeu a perda da visão como um caminho para se santificar e testemunhar a superação diante dos dramas humanos. A percepção da vontade de Deus é a força para seu testemunho de fé. Assumiu coerentemente o desejo de seu “pai espiritual” que lhe colocou como baluarte de nossa oração, um para-raios de nossa família religiosa.

Sua cegueira faz com que descubra Jesus como a luz de sua vida. Fez do jubileu de ouro de sua cegueira, em 1962, uma solene Ação de Graças a Jesus, “que extraordinariamente sabe transformar cada coisa em bem para quem o ama: Tu converteste em luz as minhas trevas e em alegria a minha tristeza; somente Tu és minha luz e minha alegria, ó Jesus”.

Ele manifesta sua intimidade com Deus através de sua humilde e sorridente bondade e a sabedoria e mansidão de suas palavras. Sua espiritualidade profunda conquistava grande veneração e as pessoas necessitadas de consolação acorriam a ele. Sua cegueira física é contraposta por sua luz interior, capaz de fascinar quem o encontrava, pois conforme ele próprio dizia: “passei a enxergar melhor depois que fiquei cego”.

Seu contato fervoroso com Deus o tornava transparência da ternura divina. Frei Ave Maria se fez apóstolo para irmãos de cegueira física e espiritual, com seus escritos e com sua oração.



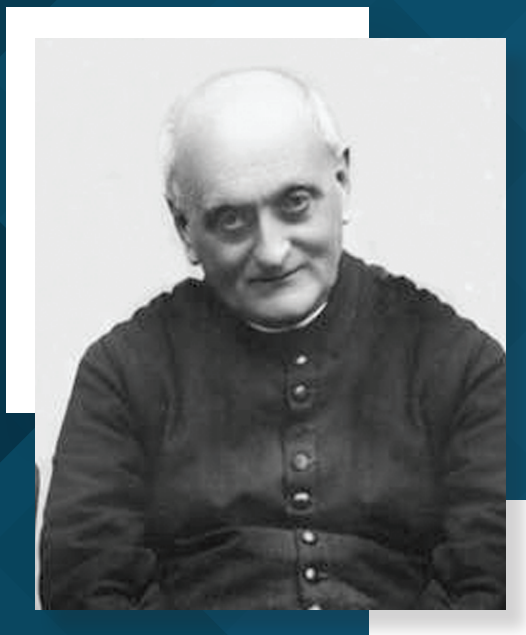
NOSSA PRECE

Oração pela Beatificação
do Frei Ave Maria
21 de janeiro

Ó Jesus, luz verdadeira, que viestes ao mundo para iluminar todas as mentes, nós vos agradecemos por haverdes chamado, através da dor de uma cegueira física, o vosso servo Frei Ave-Maria, à noite luminosa de uma vida consagrada na penitência e na alegria da oração, para apontar aos aflitos as admiráveis certezas da fé. Concedei, Senhor, também a nós o dom de caminhar ao esplendor de vossa face, em graça e caridade operosa para o bem dos irmãos. Ouvi, Senhor, por intercessão de Frei Ave-Maria, a súplica que vos apresentemos. Glória ao Pai...



“Um santo sucessor e companheiro fiel”



VENERÁVEL
CARLOS STERPI

1874 – 1951



SUA VIDA, SUA HISTÓRIA

Todos os grandes fundadores de Congregações, sempre impetuosos em suas iniciativas e em seus projetos, contaram com a parceria de um grande santo, capaz de harmonizar sua inspiração e sua realização. Esta é a presença de Dom Carlos Sterpi em nossa Congregação. O venerável sacerdote Carlos Sterpi, primeiro sucessor de São Luís Orione, nasceu em Gavazzana, na região de Alexandria - Itália, aos 13 de outubro de 1874. Sua origem, tão comum nas vocações daquele período, retrata uma família humilde e muito religiosa, capaz de imprimir na vida dos filhos grandes valores humanos e cristãos.

Carlos Sterpi é oriundo de uma família de pequenos proprietários, com grande presença religiosa e considerada modelo na sua cidade Gavazzana. Seu pai foi prefeito por muitos anos e sua mãe era muito elevada espiritualmente. Nela, o menino Carlos encontrou motivação para seguir seu ideal. Ela lhe repetia: “Pode tornar-se sacerdote, eu te dou minha bênção, mas deve ser inteiramente de Deus”. No Seminário de Tortona teve a graça, segundo dizia, de ser amigo e próximo de Luís Orione.

Havia entre eles uma grande admiração e confiança mútuas. Desta relação fraterna nascem planos de um projeto comum para a vida. Aos 18 anos torna-se responsável pela disciplina no seminário diocesano de Stazzano, que era o seminário menor da diocese de Tortona. Por sua experiência, Padre Luís Orione pede ao Bispo Dom Bandi que permita que Pe. Sterpi o ajude no seu primeiro colégio, São Bernardino, que tinha 30 alunos.

Quando Luís Orione assistia os meninos, chega Carlos Sterpi: “Que bom, chegou na hora – disse Luís. Fica um pouco. Toma meu lugar”. Saiu e Carlos ficou no seu lugar com os meninos. E continua Sterpi: “são passados momentos desde então. Aquele “um pouco” deveria durar por diversos anos”. E durou toda a vida.

Assume com o Fundador o grande desafio de dedicar-se a uma congregação nascente onde faltavam os recursos mínimos, sobretudo os desafios da pobreza e da carência total de bens primários. Participa da expansão da Congregação, com abertura de obras na Itália e nas missões, grandes compromissos diante da Igreja e do povo. Exemplarmente fiel e obediente ao carisma e ao Fundador, foi seu braço direito por toda sua vida.

A profunda relação entre nossos dois primeiros santos se descreve no testemunho de Dom Orione, por ocasião de sua despedida para a América Latina (1921): “Vos confio Don Sterpi, basta colocar-se em suas boas mãos. Tenha toda a fidelidade a ele que o merece. Se Deus me dissesse: ‘te quero dar um continuador que seja segundo o teu coração’, lhe responderei: ‘Deixa, ó Senhor, pois já me hás dado em Dom Sterpi’” (Necrologio della famiglia Orionina, 2012)



Após a morte do Fundador em março de 1940, no dia 13 de agosto seguinte Dom Carlos Sterpi foi eleito Superior Geral. Eram 820 religiosos e os tempos eram difíceis, sobretudo as consequências da Grande Guerra. Sua capacidade e seus sacrifícios foram inspiração edificante para a nova família religiosa que recebeu aprovação pontifícia em 21 de janeiro 1944, com o “decretum laudis” de Pio XII. Renunciou ao cargo de Diretor Geral em 1944, vivendo então em Tortona seu ministério de “paternidade espiritual” e também cuidando de um grupo de órfãos. Foi seu caminho de santificação e de elevação espiritual. Voltou para a casa do Pai aos 22 de novembro de 1951, aos 77 anos, 48 de profissão e 54 de sacerdócio. Foi declarado venerável em 1989. Um santo orionita a interceder por nossa família religiosa.

RETRATO DA ALMA

Sua vida revela sua profunda espiritualidade, como uma presença “maternal”, pois cuidou da vida interna da Congregação por décadas, como parceiro e conselheiro do Fundador. Vivendo sua consagração com austeridade, humildade e simplicidade, entregou sua vida como um homem responsável e fidelíssimo servo do Fundador. Sempre irradiava uma verdadeira piedade, expressa no seu rosto com o zelo com que cuidava da “casa-orione”, como uma mãe cuida do lar demonstrando sua preocupação com o cotidiano da família religiosa. *“Um padre que parece mesmo um padre: esse é nosso Dom Sterpi”*, dizia Dom Orione.

Apreciava ser identificado como “primeiro discípulo e colaborador de Dom Orione”. Seu estilo humano e religioso foi fundamental para elaborar os grandes ideais espirituais e as importantes aberturas apostólicas.

Todos os testemunhos anunciam que a modesta aparência física irradiava uma profunda piedade e uma expressão de ternura intocável. Se Dom Orione foi o pai, ele foi a figura materna da família da Pequena Obra da Divina Providência. Assim, percorreu o caminho histórico da evolução da Congregação, como fiel discípulo que sustentou o carisma, por sua firmeza espiritual, nos seus momentos críticos.

Seu amor à Igreja se revela no seu próprio testemunho, quando escreve que *“amor aos pobres não existe se não for nutrido por uma sincera e profunda ligação com a Igreja, corpo místico de Cristo, e a sua cabeça visível, o Papa”*. Continua ainda afirmando que “não se tem amor às almas, se não vibrar no coração o amor àqueles que serão seus salvadores: os evangelizadores, as vocações”. A grandeza de sua alma está na humildade e na fidelidade ao seu ideal na família orionita nascente.

NOSSA PRECE

Oração pela Beatificação de
Dom Carlos Sterpi
22 de novembro

Humildemente nós te agradecemos, ó Santíssima Trindade, por teres suscitado em Dom Sterpi, um tão humilde e generoso colaborador do apóstolo da caridade São Luís Orione, para a salvação de muitos órfãos e conforto dos nossos irmãos mais pobres e sofredores. Doa também a nós os tesouros de ardente piedade eucarística e Mariana, de humilde escondimento, de zelo pelas almas, pelas vocações e pelo Papa, que tornaram exemplar a sua vida. Dignate a glorificar na terra o humilde servo, concedendo-nos a graça que com grande confiança, suplicamos. Glória ao Pai...



“A caridade e a santidade em missão”



VENERÁVEL
**IRMÃ MARIA
PLAUTILLA**

1913 - 1947



SUA VIDA, SUA HISTÓRIA

Lúcia Cavallo, nome de batismo, nasceu no dia 18 de novembro de 1913, em Roata Chiusani, Província de Cúneo e diocese de Fossano, na Itália. Aos 12 anos de idade ficou órfã de mãe.

Por ser a filha mais velha, passou a tomar conta dos cinco irmãozinhos menores. De origem muito pobre e portanto muito sacrificada e difícil a vida da família de lavradores humildes, tinha também o encargo diário de levar os animais às pastagens. Sua resposta positiva à vida religiosa foi dada ao movimento da campanha vocacional que o próprio Dom Orione fez junto aos párocos da Itália no longínquo ano de 1927. Alguns anos mais tarde, já em 1933, seu pároco ofereceu-lhe a carta escrita por Dom Orione para que a ajudasse no discernimento vocacional e a aconselhou a entrar na instituição recém-fundada pelo santo da caridade.

Naquele mesmo ano, em 03 novembro, Lúcia entrou para a Congregação das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade, o ramo feminino da família religiosa orionita. Seu profundo desejo era “ser missionária para levar Jesus àqueles que ainda não o conhecem”.

Que grande emoção em sua vida, ao ter a graça de fazer os votos religiosos nas mãos do próprio fundador. Na sua consagração, em 07 dezembro 1937, recebeu o nome de Irmã Maria Plautilla. Dez anos mais tarde, 1947, no dia da Assunção de Maria entregou plenamente sua vida a Deus, emitindo seus votos perpétuos.

A Irmã Maria Plautilla era muito frágil de saúde, que se agravou depois de um esforço além das suas possibilidades físicas. Como gesto heróico, foi socorrer uma doente em perigo de vida. A mulher enferma subiu no parapeito de uma janela e no intuito de salvá-la, a Irmã Plautilla sentiu forte emoção e em consequência, sofreu um colapso cardíaco. Seguiu-se uma grande debilidade e aos poucos foi definhando. Poucas semanas depois, após dolorosa enfermidade, voltou para a casa do Pai. Tinha em suas mãos o crucifixo e contemplando o amor de Deus que se entregou por nós, entregou sua vida ao Senhor. Faleceu no dia 05 de outubro de 1947, no Pequeno Cotelengo Paverano de Gênova. Havia completado apenas dez anos de profissão religiosa quando entrou na eternidade. Tinha perto de si as crianças doentes e deficientes do Pequeno Cotelengo.

Sua devoção, bondade e exemplo de vida lhe renderam a fama de santidade humilde e silenciosa. Por esta razão, em 1 de julho de 2010, o Papa Bento XVI autorizou a Congregação pelas Causas dos Santos a promulgar o decreto que reconhece suas virtudes heróicas, declarando-a Venerável.



RETRATO DA ALMA

Numa vida breve, apenas 33 anos, vivida na fé e na esperança, consagrou quatorze anos a Deus na família das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade, de São Luís Orione. Mais que tudo, foi sua vida uma fecundidade de caridade esplêndida, visível aos olhos dos presentes, mas seus gestos de caridade eram tão marcantes que tornaram-se visíveis para até os mais distantes. A energia da caridade realizada concretamente, ajudaram-na a amadurecer o seu ideal de santidade na singeleza das pequeninas coisas.

Ela foi uma mulher que exerceu o dom da maternidade com um senso profundo de oferenda e uma atitude generosa, dedicando-se inteiramente na família religiosa e na sua missão com as pessoas com deficiência. Sua vida se fez oferenda entre os pequeninos de Deus no Pequeno Cotelengo de Gênova.

Viveu sempre de forma humilde, silenciosa, preocupada em servir os doentes; generosa no sacrifício, esquecida de si, dedicou-se à catequese dos portadores de necessidades especiais. Mesmo doente do coração, muitas vezes se dedicava ao plantão noturno aos enfermos daquela casa de caridade.

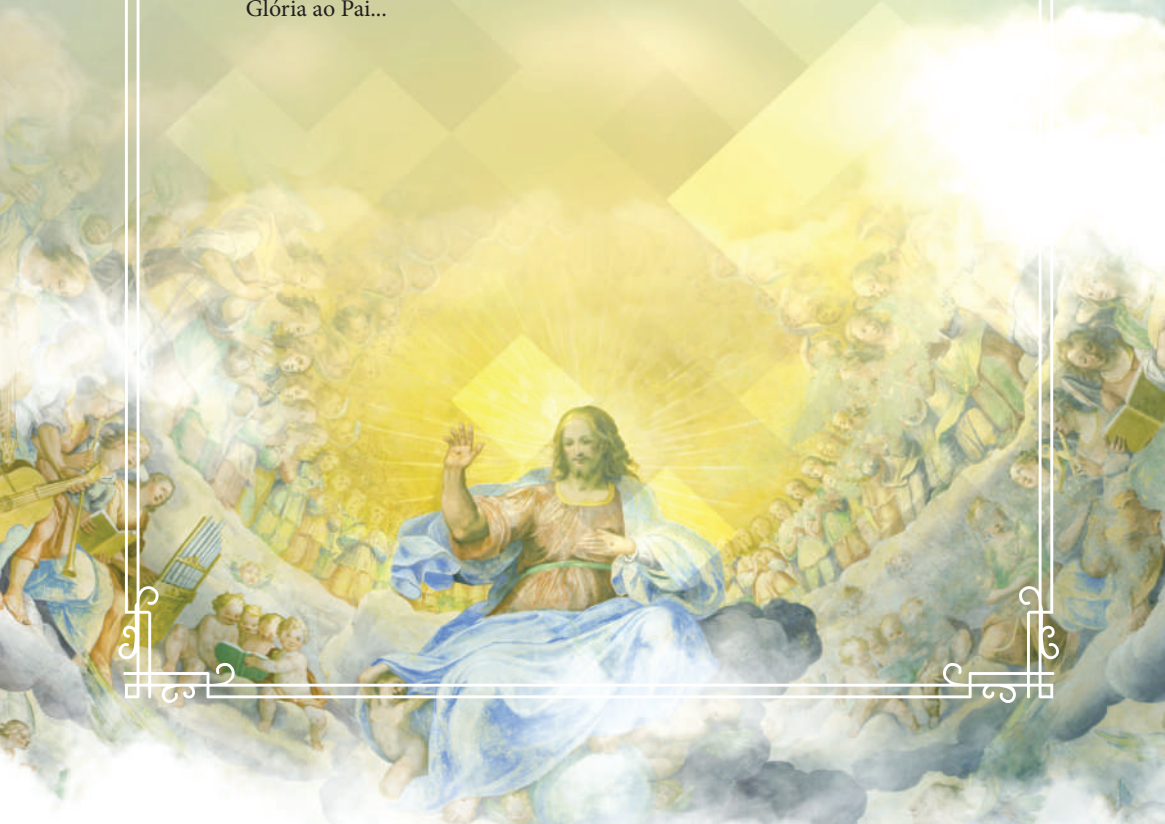
Dela se afirma que foi a *“encarnação da caridade”*, ela conseguia perceber todas as coisas, pensava bem dos outros, era muito atenciosa para com os doentes, dedicava-se com maior atenção para as que se encontravam em dificuldade e as ajudava com muita delicadeza, mantinha-as lindas e asseadas, as desejava ver felizes, alegres. Deixando tudo muito bem ordenado. Todas lhe queriam bem. Por onde passava, espalhava o perfume da caridade e da alegria e gozava da admiração das coirmãs, dos sacerdotes e dos profissionais leigos do Cotelengo.

Realizou-se no carisma Orionita, como verdadeira mulher consagrada a Deus, testemunhando a *“verdadeira sabedoria”* que edificava todas as pessoas que se encontravam onde a Divina Providência lhe havia plantado. A entrega de sua vida, num martírio suave e sorridente revela sua espiritualidade como uma alma bondosa e amável.

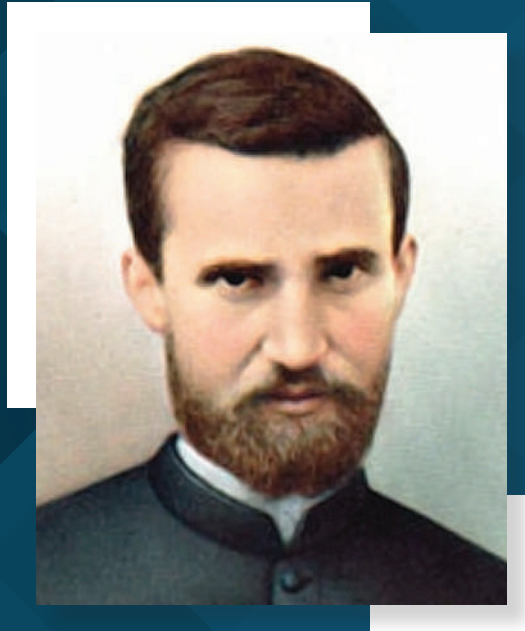
NOSSA PRECE

Oração pela Beatificação da Venerável
Irmã Maria Plautilla
05 de outubro

Ó Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, que no coração da venerável Irmã Maria Plautilla, acendeste a chama viva de Tua caridade, Te adoramos e Te agradecemos por nos tê-la dado como modelo luminoso de santidade, de alegria e de sacrifício. Concedei-nos que, a seu exemplo, “lâmpada vivente”, ardamos, também nós de amor a Deus e ao próximo, para consolar os aflitos, sanar os feridos e evangelizar os pobres. Fortalecidos pelo seu testemunho e pela sua intercessão, Te imploramos de glorificá-la, também na terra, concedei-nos a graça que, humildemente Te pedimos (faça o seu pedido...). Glória ao Pai...



“Primeiro Filho da Divina Providência”



SERVO DE DEUS
DOM GASPAR
GOGGI
1877-1908



SUA VIDA, SUA HISTÓRIA

A pequena cidade Pozzolo Formigaro é o palco de sua história infantil, onde nasceu aos 06 de janeiro de 1877. Filho ilustre deste lugarejo com aproximadamente cinco mil habitantes, na mesma região de nosso Fundador, Piemonte, província de Alexandria, no norte da Itália. Uma vida curta, que arrancou lágrimas de seus confrades, quando morreu depois de apenas quatro anos de profissão religiosa e de sacerdócio.

Sua família profundamente religiosa, onde seus pais eram agricultores com grande sucesso econômico, proporcionou-lhe uma infância ardorosa na vida de oração, de saudável educação e dos valores cristãos mais profundos. Seu berço materno foi tecido por fraldas de carinho e proteção e enxoval de fé e afeição.

Sua paixão pelos estudos se revelou desde sua meninice e sua religiosidade latente se manifestava nas suas práticas de piedade, seu interesse pelas procissões, o rosário, as bênçãos e os sacramentos, sobretudo a Eucaristia. Buscando sempre a santidade e a perfeição religiosa, a Providência o colocou nos caminhos de Luís Orione, quando era ainda clérigo, e participou de sua missão precoce de iniciar uma família religiosa, ideal que brotou no coração do jovem Dom Orione. Sem pretensão, mais que fundar uma congregação, queriam mesmo era servir os mais pobres, como filhos da Igreja.

Dotado de uma inteligência brilhante e um coração generoso e apaixonado pelo bem, levou adiante e cumpriu plenamente o programa traçado por Dom Orione, não somente para si, mas também para os clérigos estudantes que assistia.

“Primeiro um professor, em seguida, um sacerdote”. Professor era seu dom, sacerdote seu carisma. Pontuando este caminho, completou o ensino médio em Gênova e, depois, na Universidade de Turim. Corajosamente professou sua fé em ambientes difíceis, liderando um bom grupo de estudantes que, como ele, decidiu proibir todo o desrespeito humano. Foi assim que conquistou a admiração dos companheiros e se impôs aos adversários. Tendo se formado com grandes honrarias nas ciências humanas, passou a coordenar uma pequena escola aberta por Dom Orione, em Turim; servia os meninos pobres e abandonados. Neste mesmo tempo, licenciou-se em Literatura e Filosofia na Universidade de Turim.

No dia da Imaculada Conceição, 08 dezembro de 1901, com 24 anos, recebeu o hábito clerical. Foi ordenado sacerdote em 06 de setembro de 1903 e sua consagração se deu nas mãos de São Luís Orione, na Congregação da Pequena Obra da Divina Providência, aprovada alguns meses antes. Foi cognominado pelo padre Luís Orione, nosso “primeiro professor e sacerdote”. Por sua boa preparação intelectual e religiosa, assumiu muito cedo tarefas de grande responsabilidade e muito delicadas, sobretudo em Tortona, Sanremo e Turim.

Um ano após sua ordenação foi transferido a Roma, onde tornou-se reitor da

Sant'Anna, no Vaticano. Por sua formação intelectual e sua importância na expansão eclesiástica, relacionou-se com importantes e conhecidas personalidades daqueles anos, como o poeta G. Salvadori, Cardeal Carlo Perosi, Padre G. Semeria, Padre L. Guanella, beatificado por João Paulo II, e A. Leonori, servo de Deus. Suas amizades mais significativas foram, no entanto, os pequeninos e pobres das praças e das ruas.

Infelizmente um rápido e progressivo enfraquecimento psicofísico silenciou seu apostolado. Acompanhado pelo próprio amigo Padre Luís Orione ao hospital psiquiátrico em Alexandria, morreu de repente, depois de seis dias, em 4 de agosto de 1908, com apenas 31 anos. Seus restos mortais repousam no Santuário de Nossa Senhora da Guarda, em Tortona.

RETRATO DA ALMA

Foi definido por nosso Fundador como o “santo estudioso, tão piedoso que morreu com fama de santidade”. As dores e os sofrimentos e sobretudo a iminência de uma páscoa precoce não diminuíram sua fé e sua paixão pela vida. Em suas palavras, pregações e em suas ações revelava os grandes amores de sua alma, Maria, Mãe de Deus, e o Papa, “pedra da Igreja”. Sacrificava sua própria vontade para realizar os propósitos e os ideais da Igreja e da consagração religiosa. Por esta razão, mesmo depois de sua morte, seguiu sempre como uma “esperança brilhante da pequena congregação nascente”, como repetia Dom Orione.

A grandeza de seu espírito revela que sua consagração está na sua convicção interior, pois quando entrou no hospital para ser internado, simplesmente se ajoelhou, beijou sua batina e silenciosamente a entregou ao Fundador. Sua obediência é ao Pai e seu desapego foi absoluto. Ele sabia que “a ciência é transitória e a verdade é irradiada pela luz de Cristo”, pois o “Senhor se expande no meio de ensaios e transforma as lágrimas da sementeira em alegria”. Este primeiro filho, como repetia Dom Orione, alimentou a decisão e as ações de tantos companheiros da família religiosa nascente. Ele expressa a alma do Pai, o endereço da vida e o seu núcleo generativo, pois se consumiu no seu dom total e seu sofrimento é uma abertura impressionante do dinamismo da caridade. Sua “kenosis”, seu despojamento é pleno e bem consciente. Foi assim, desde menino até o epílogo de sua vida. Religioso e padre piedoso, afável e dedicado confessor, foi objeto de grande reverência e afeição dos seus fiéis.

Sua espiritualidade é moldada por uma inteligência privilegiada e um coração enamorado pela prática do bem. Seu princípio fundamental é uma máxima de Orione “faça tudo em nome do Senhor, tudo para Ele, sempre com muito amor”. Sua grande virtude foi praticar, nos poucos anos que lhe concedeu a Providência divina, seus valores de pastor, tanto como professor, como sacerdote. Seu zelo apostólico é, por certo, sua mais importante indulgência para entrar no paraíso. Diziam ainda seus contemporâneos, nas suas memórias vivas, que tinha grande piedade eucarística. Por sua fé e sua fidelidade a Deus, seu grande ideal de vida, suportou com paciência e testemunho as trevas e os sofrimentos da enfermidade, que feriram seus últimos dias de vida.

Deixa-nos uma resposta importante, para nossos dias de noite escura, como caminho de santidade. Sempre repetia: “estou com Deus” e Deus estava com Ele. Vive em Deus e é nosso mediador junto ao Pai, para sempre.

NOSSA PRECE

Oração pela Beatificação do Servo de Deus
Dom Gaspar Goggi
4 de agosto

Ó Senhor Jesus, que nos primeiros e difíceis dias de nossa Congregação nos destes na pessoa de Dom Gaspar Goggi um admirável exemplo de inquebrantável confiança na vossa providência, de uma generosa união com o Papa e com São Luís Orione e de um heróico holocausto, por vosso amor no altar do sofrimento, dignai-vos conceder a graça de imitarmos, especialmente nos momentos de dor e provação, o vosso fiel servo e glorificá-lo também na terra, para o bem da Congregação que ele tanto amou e de todo o povo de Deus. Glória ao Pai...

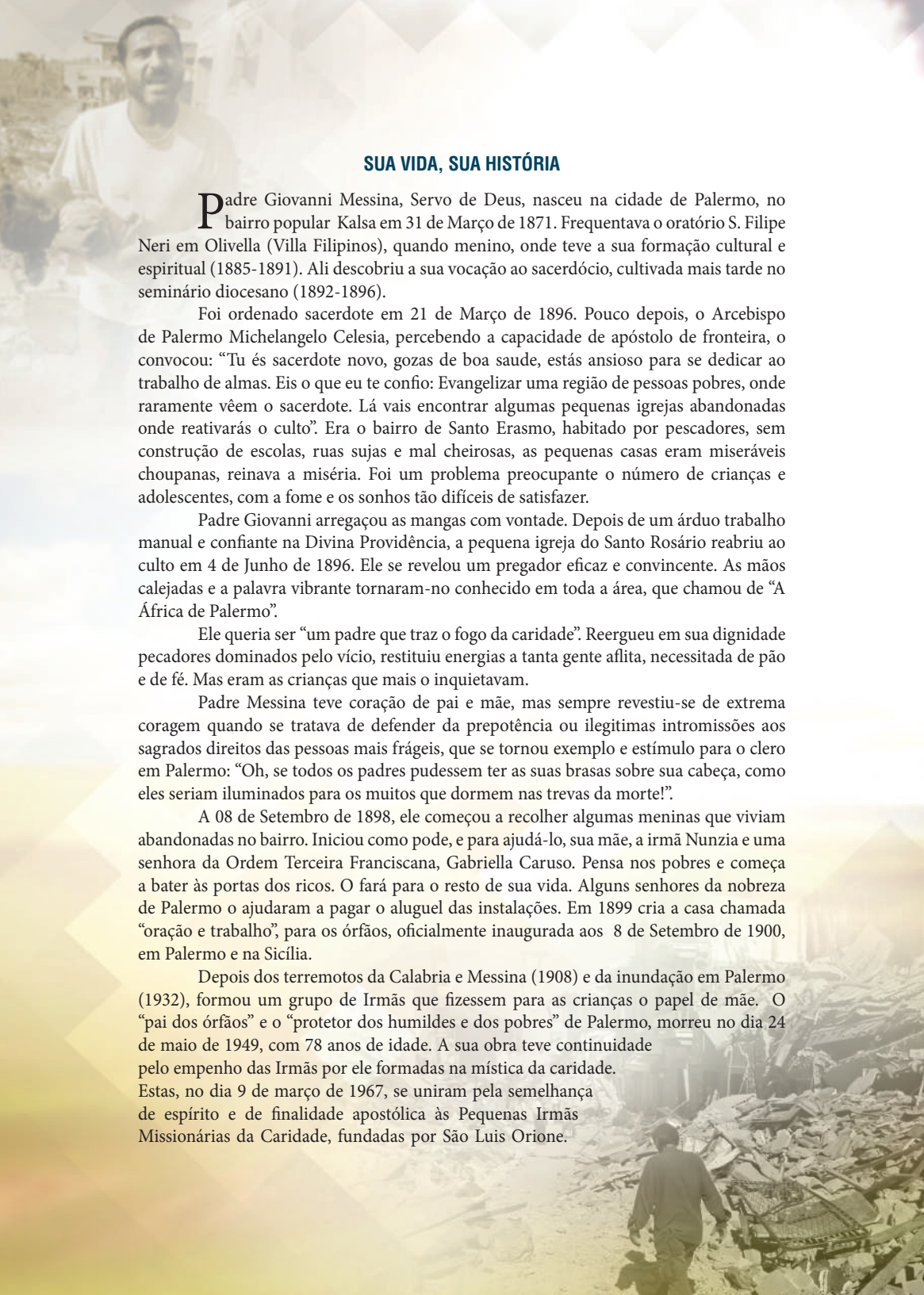


“Protetor dos humildes e pobres”



SERVO DE DEUS
**PADRE GIOVANNI
MESSINA**

1871 – 1949



SUA VIDA, SUA HISTÓRIA

Padre Giovanni Messina, Servo de Deus, nasceu na cidade de Palermo, no bairro popular Kalsa em 31 de Março de 1871. Frequentava o oratório S. Filipe Neri em Olivella (Villa Filipinos), quando menino, onde teve a sua formação cultural e espiritual (1885-1891). Ali descobriu a sua vocação ao sacerdócio, cultivada mais tarde no seminário diocesano (1892-1896).

Foi ordenado sacerdote em 21 de Março de 1896. Pouco depois, o Arcebispo de Palermo Michelangelo Celesia, percebendo a capacidade de apóstolo de fronteira, o convocou: “Tu és sacerdote novo, gozas de boa saúde, estás ansioso para se dedicar ao trabalho de almas. Eis o que eu te confio: Evangelizar uma região de pessoas pobres, onde raramente vêem o sacerdote. Lá vais encontrar algumas pequenas igrejas abandonadas onde reativarás o culto”. Era o bairro de Santo Erasmo, habitado por pescadores, sem construção de escolas, ruas sujas e mal cheirosas, as pequenas casas eram miseráveis choupanas, reinava a miséria. Foi um problema preocupante o número de crianças e adolescentes, com a fome e os sonhos tão difíceis de satisfazer.

Padre Giovanni arregaçou as mangas com vontade. Depois de um árduo trabalho manual e confiante na Divina Providência, a pequena igreja do Santo Rosário reabriu ao culto em 4 de Junho de 1896. Ele se revelou um pregador eficaz e convincente. As mãos calejadas e a palavra vibrante tornaram-no conhecido em toda a área, que chamou de “África de Palermo”.

Ele queria ser “um padre que traz o fogo da caridade”. Reergueu em sua dignidade pecadores dominados pelo vício, restituiu energias a tanta gente aflita, necessitada de pão e de fé. Mas eram as crianças que mais o inquietavam.

Padre Messina teve coração de pai e mãe, mas sempre revestiu-se de extrema coragem quando se tratava de defender da prepotência ou ilegítimas intromissões aos sagrados direitos das pessoas mais frágeis, que se tornou exemplo e estímulo para o clero em Palermo: “Oh, se todos os padres pudessem ter as suas brasas sobre sua cabeça, como eles seriam iluminados para os muitos que dormem nas trevas da morte!”.

A 08 de Setembro de 1898, ele começou a recolher algumas meninas que viviam abandonadas no bairro. Iniciou como pode, e para ajudá-lo, sua mãe, a irmã Nunzia e uma senhora da Ordem Terceira Franciscana, Gabriella Caruso. Pensa nos pobres e começa a bater às portas dos ricos. O fará para o resto de sua vida. Alguns senhores da nobreza de Palermo o ajudaram a pagar o aluguel das instalações. Em 1899 cria a casa chamada “oração e trabalho”, para os órfãos, oficialmente inaugurada aos 8 de Setembro de 1900, em Palermo e na Sicília.

Depois dos terremotos da Calabria e Messina (1908) e da inundação em Palermo (1932), formou um grupo de Irmãs que fizessem para as crianças o papel de mãe. O “pai dos órfãos” e o “protetor dos humildes e dos pobres” de Palermo, morreu no dia 24 de maio de 1949, com 78 anos de idade. A sua obra teve continuidade pelo empenho das Irmãs por ele formadas na mística da caridade. Estas, no dia 9 de março de 1967, se uniram pela semelhança de espírito e de finalidade apostólica às Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade, fundadas por São Luís Orione.

Padre Giovanni Messina foi introduzido na causa de beatificação. O inquérito diocesano sobre a vida e as virtudes foi concluído em 21 de Março de 1991 e agora toda a documentação e o exame da Congregação para as Causas dos Santos.

RETRATO DA ALMA

Seu lema revela sua espiritualidade: proteger os pobres e humildes e fazer sempre a caridade. Por certo, este “homem de Deus” tinha raízes de fé sólidas e acreditava muito no amor de Deus. Em todo momento, sempre anunciava que amar a Deus não significava não sofrer e ter apenas uma vida de alegria. Sua alma se revela quando afirma que “nesta casa tem mais lágrimas do que cal, pedras e cimento”. Sua santidade é notada na forma como viveu seus dias que foram, por causa do Reino de Deus, uma sucessão de amarguras, sofrimentos e de graves humilhações e lutas. Estas lutas foram vividas com serenidade até a morte. Sua alma se iluminava no seu sentimento de esperança: “quando toda a esperança humana termina surge a esperança religiosa, ou seja, Jesus”. Por isso, como concretização de seu espírito, fazia sempre a caridade ao próximo incansavelmente e com zelo.

Homem de oração e de contemplação, pois a oração constante marcou sua vida. Testemunhas descrevem o Padre Messina com suas longas meditações matutinas e adorações quotidianas. Sempre dizia que “a oração da liturgia das horas era o momento mais agradável ao seu coração”.

Ainda mais se destaca sua devoção mariana, uma vez que tinha na Mãe de Deus uma devoção terna e filial. Para divulgar a devoção à Maria, instituiu a recitação do Santo Rosário, a tal ponto que sua casa foi chamada a “pequena Pompéia de Palermo”.

A irmã Filomena Scibetta, religiosa do grupo de irmãs por ele fundado e que posteriormente veio a se unir às Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade, fundadas por S. Luís Orione, em testemunho o definiu como **“louco por Jesus e apaixonado por Maria”**, levando uma vida de muita oração e adoração diária e devotíssimo à Virgem Maria.

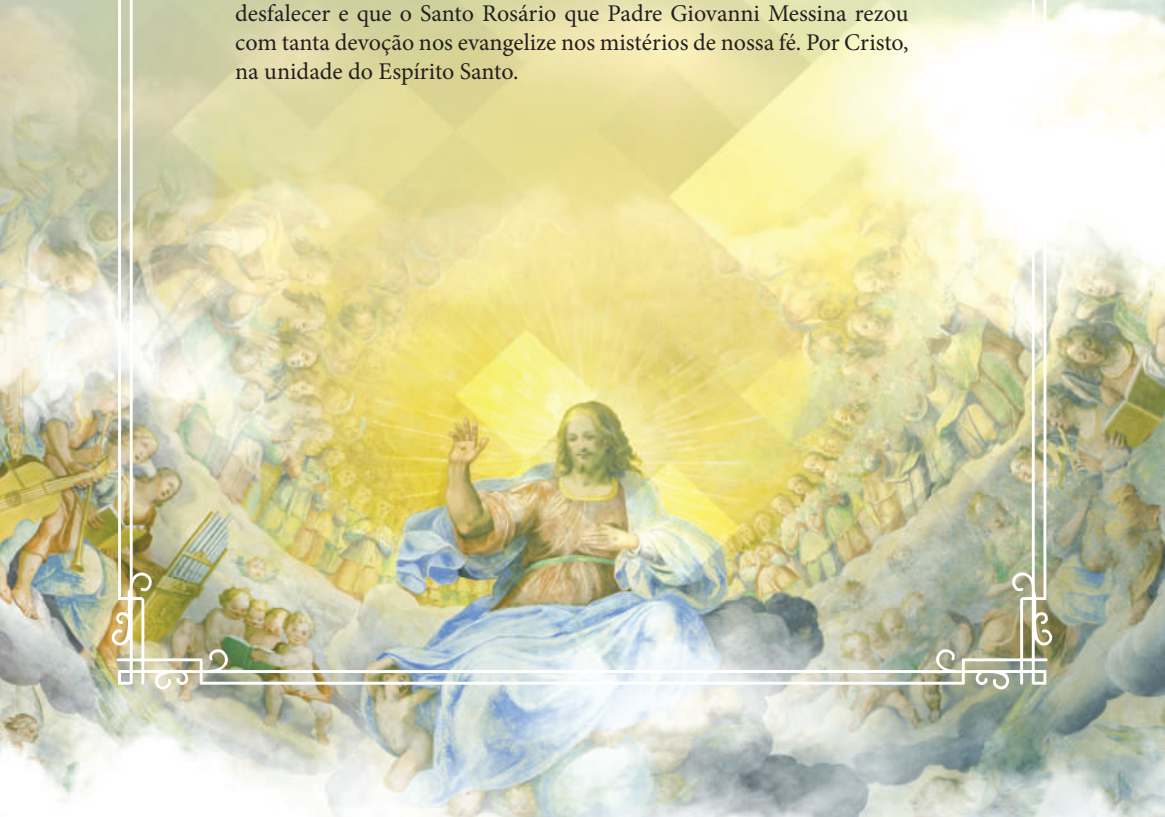
Sua mística eleva-se ao Senhor e se converte em gestos concretos, pois em sua vida foi defensor dos pobres e dos humildes. Era um sacerdote que levava o fogo da caridade. Seu coração amava Deus sobre todas as coisas e enraizou sua fé no seu amor.



NOSSA PRECE

Oração pela Beatificação do Servo de Deus
Giovanni Messina
24 de maio

Santíssima Trindade, Deus de amor e caridade, que revelastes vosso amor aos mais pobres e humildes nas pregações e no testemunho do Servo de Deus Padre Giovanni Messina, fortalecei nossa família carismática orionita na fidelidade à Igreja e no serviço ao Reino de Deus. Dignai-vos glorificar na terra este servo fiel que perseverou sempre na fidelidade cristã e suportou com coragem e serenidade as amarguras, sofrimentos e humilhações, sem jamais renegar o nome Jesus Cristo. Servo fiel e sacerdote incansável, sempre protegeu os pobres e exaltou corajosamente a Igreja. Fazei, Senhor Deus, por sua intercessão, que vossa graça reine em nossos corações quando a esperança humana desfalecer e que o Santo Rosário que Padre Giovanni Messina rezou com tanta devoção nos evangelize nos mistérios de nossa fé. Por Cristo, na unidade do Espírito Santo.



INSTAURARE OMNIA

